

IV Congresso Folclórico Brasileiro

RECOMENDADA A INCLUSÃO DA CADEIRA DE FOLCLORE NO CURSO DE GEOGRAFIA — ÍNTEGRA DE ALGUMAS DAS CONCLUSÕES APROVADAS

O estado do Rio Grande do Sul foi centro de reunião dos folcloristas de todo o país, entre 19 e 26 de julho do ano em curso, na oportunidade do IV Congresso Brasileiro de Folclore, quando foram estudados três aspectos da vida cultural regional, sendo as pesquisas realizadas *in loco*, nesta ordem: em Caxias, contato com as manifestações de origem italiana; em Nova Hamburgo, apreciação de costumes de origem alemã e, em Guaíba, conhecimento do que é típico da terra lusitana, em uma fazenda de criação de gado.

O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, com a colaboração direta da sua Comissão Nacional de Folclore, que concorreu sobremaneira para o comprovado êxito do Congresso, levou a termo a árdua tarefa de promover a reunião. Estiveram presentes ao Congresso, secretários-gerais das comissões estaduais do Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás, bem como representantes do Pará, Ceará e Bahia. Tomaram parte, também, membros de comissões estaduais, membros da Comissão Nacional, especialistas convidados e representantes de entidades culturais, instituições científicas, etc.

Ao início das atividades, o Prof. DANTE DE LAYTANO, secretário da comissão gaúcha, foi aclamado presidente do Congresso, o Prof. ELPÍDIO PAIS, secretário-geral, sendo os demais secretários da mesa os Srs. JOÃO CARDENUTO (São Paulo), HILDEGARDES VIANA (Bahia), OSVALDO DE MELO FILHO (Santa Catarina), e JOSÉ ALOÍSIO VILELA (Alagoas). O secretário-geral da comissão alagoana de folclore, Prof. Téo BRANDÃO, funcionou como relator geral.

Vários temas da reunião foram expostos nas mesas-redondas e grupos de trabalho. Presidiram, respectivamente, os grupos de trabalho os Srs. DOMINGOS VIEIRA FILHO — Folclore do Rio Grande do Sul; ROSSINI TAVARES DE LIMA — Folclore campeiro; REGINA LACERDA — Festas tradicionais, e ÊNIO DE FREITAS E CASTRO — Modos e escalas da música folclórica brasileira.

As mesas-redondas apreciaram os temas seguintes: pesquisas folclóricas, cursos de folclore, cerâmica folclórica utilitária e figurativa e folclore e teatro, havendo sido os Srs. MANUEL DIEGUES JÚNIOR, OSVALDO R. CABRAL, RENÉ RIBEIRO e RENATO ALMEIDA, os respectivos coordenadores.

Os debates, em tôdas as mesas-redondas, foram animados e proveitosos, conduzindo a conclusões que, levadas a plenário, receberam aprovação imediata.

Não apenas o aspecto científico do Congresso foi cuidado, vale ressaltar a parte social, destacando-se as visitas a Caxias, Nova Hamburgo e Guaíba, ensejando oportunidade para pessoas de outras regiões conhecerem diretamente as peculiaridades desses pontos, de origem nitidamente diversificada.

Durante a visita às citadas regiões, os congressistas tiveram oportunidade de tomar contato direto com os usos e costumes dos habitantes, apreciando pratos típicos de variada culinária, assistindo a números de danças e canções executadas por crianças e adultos de cada região visitada, numa evocação das tradições do país de origem.

Ao encerramento dos trabalhos relativos ao seminário, ficou estabelecido, conforme deliberação aprovada na última sessão plenária, que deverão ser fixados os temas para o Congresso seguinte e, como consequência disso, já se conhecem os temas preferenciais para o V Congresso Brasileiro de Folclore, a saber: I — Levantamento folclórico de uma comunidade; II — Artesanato popular, especialmente trança-

dos de couro e fibras vegetais e III — Modos e escalas da música folclórica brasileira.

Dos animados debates, colheram-se, entre outras, as seguintes conclusões:

I

O IV Congresso Brasileiro de Folclore, tendo em vista as conclusões da mesa-redonda sobre pesquisas folclóricas, e considerando a necessidade de se estudarem as manifestações folclóricas dentro do contexto cultural da comunidade em que surgem; considerando a importância do estudo de comunidade que, pelo uso de métodos e técnicas comuns a todas as disciplinas sociais, permite melhor conhecimento dos fatos folclóricos, em sua totalidade, e como parte da sociedade em que surgiram e permanecem; considerando que o desenvolvimento da industrialização constitui um impacto sobre as manifestações folclóricas, contribuindo para a mudança cultural e, conseqüentemente, para que os fatos sofram modificação em seus aspectos mais característicos; considerando que o estudo de comunidade deve ser completado pelo levantamento cartográfico de modo que se faça o registro dos fenômenos no espaço; considerando, finalmente, a conveniência de se desenvolverem, com os estudos de comunidade, as atividades interdisciplinares, com a cooperação entre folcloristas, antropólogos, sociólogos, etnólogos, etc., uma vez que têm o objetivo comum de estudo do homem e, no caso específico do Brasil, do homem brasileiro,

Resolve:

1. Sugerir à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro:

a) que no seu plano de pesquisas folclóricas utilize o processo de estudo de comunidade, o qual, sendo cientificamente mais completo, permite o conhecimento das manifestações folclóricas em sua totalidade, dentro do con-

texto da sociedade em que aparecem, inclusive para revelar, através de amostras, o folclore de uma região cultural;

b) que nestes estudos de comunidade, utilizando os mesmos métodos e técnicas das ciências sociais (observação participante, entrevistas, questionário, etc.), sejam observadas, registradas e interpretadas, especificamente, as manifestações de cultura de folk, sem prejuízo de outros aspectos da vida social que possam ser estudados pela antropologia, pela sociologia, pela etnologia ou por outras ciências sociais;

c) que os estudos de comunidade sejam completados pelo levantamento cartográfico, de maneira que o material registrado fique perfeitamente caracterizado no espaço.

2. Sugerir, igualmente, que se considere, no planejamento a ser estabelecido, o impacto que o processo de industrialização e urbanização vem trazendo às culturas de folk, modificando-as e criando novas condições culturais na caracterização dos mesmos fatos folclóricos; daí a necessidade de dar ênfase ao estudo de comunidade, onde se verifica tal impacto, com a transformação ou mesmo a desintegração de muitos elementos folclóricos. A intervenção do folclorista no estudo desse processo, como, aliás, no da vida folclórica da comunidade, deve contribuir para ressaltar os valores tradicionais contidos nas manifestações folclóricas, orientando a mudança cultural, sem prejudicar o equilíbrio social do grupo e sem a brutal rejeição desses valores que, por vezes, a industrialização e a urbanização *à outrance* provocam.

3. Finalmente, sugere o Congresso que, tendo em vista o estado atual das ciências sociais no Brasil, se intensifiquem os estudos interdisciplinares, estabelecendo-se um recíproco sistema de cooperação entre folcloristas, antropólogos, sociólogos, etnólogos, etc., no sentido do estudo mais completo e integral do homem brasileiro nas diferentes manifestações de sua cultura.

II

CURSOS DE FOLCLORE

A mesa-redonda, reunida para debater os problemas relativos à organização de cursos de folclore, aprovou as seguintes conclusões:

1. A escola primária não é campo que se destine ao ensino do folclore, mas sim propício à sua aplicação. Os professores estimularão a prática dos folguedos infantis de preferência usuais na região; a dos trabalhos manuais; a execução de cantos e músicas regionais, etc., bem como de tôdas as manifestações folclóricas que possam enquadrar-se nas atividades escolares e extra-escolares, quaisquer que forem as disciplinas que as permitam.

2. Nas escolas de formação de professores primários, recomenda-se a criação da cadeira de folclore ou, pelo menos, a inclusão nas disciplinas de pedagogia, didática ou sociologia educacional, programa de ensino teórico das bases fundamentais do folclore, de maneira que possam os professores executar o prescrito na primeira proposição, bem como tornar-se um informante e colaborador capaz dos organismos que cuidam da investigação e defesa do folclore.

3. Não considera necessária a inclusão do ensino do folclore nas escolas secundárias, mas recomenda o aproveitamento, em qualquer das disciplinas do currículo escolar, da fenomenologia folclórica que possa ser aplicada e utilizada nos trabalhos escolares. Considera de utilidade e recomenda o aproveitamento das manifestações folclóricas nos estabelecimentos de ensino profissional e industrial.

4. Considera de relevante importância a inclusão da cadeira de Folclore nos cursos de História, Geografia, Ciências Sociais, Jornalismo, Didática e outros das Faculdades de Filosofia, bem como nos cursos das Faculdades de Belas Artes, de Música e Canto Orfeônico e nos cursos de Educação Física — e recomenda seja oportunamente criada tal disciplina como uma das obrigatórias do currículo escolar.

5. Recomenda a adoção do critério de cursos de post-graduação, que formem não só professores como técnicos de pesquisas folclóricas, até a criação, e mesmo depois, da cadeira referida na 4.^a proposição.

6. Seria temporariamente admissível, onde se verificasse possível e oportuna, a criação de cursos de especialização de folclore, destinados à formação de pessoal habilitado, tanto ao ensino regular quanto à pesquisa do folclore.

Curso sôbre História e Geografia do Rio de Janeiro

Dando prosseguimento às atividades culturais programadas para o corrente ano, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro realizou, durante o mês de agosto próximo passado, um curso gratuito sôbre a história e a geografia do Rio de Janeiro. A aula inaugural foi pronunciada pelo Prof. SÍLVIO FRÓIS ABREU, catedrático de Geografia do Instituto de Educação, cuja apresentação foi feita pelo jornalista PAULO FILHO, presidente daquela instituição.

A mesa que presidiu o ato inaugural do referido curso era ainda composta pelos professores VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, MÁRIO DA VEIGA CABRAL, NÉLSON

COSTA, general JOÃO BATISTA DE MATOS e Sr. GONÇALVES LEITE, este último na qualidade de representante do vice-presidente do Senado Federal.

O Prof. SÍLVIO FRÓIS ABREU dissertou, na ocasião, sôbre a localização e utilização dos recursos minerais desta capital, esclarecendo as falhas existentes nas cartas geológicas, em virtude dos obstáculos que os técnicos encontram para levarem a térmo os seus trabalhos. Em seguida, lembrou que as leis da geologia ainda apresentam falhas muito sensíveis, exigindo, por isso, dos geólogos, a máxima prudência nas conclusões a que chegam.